

みんなくりポジトリ

国立民族学博物館 学術情報リポジトリ National Museum of Ethnology

Folias de Reis, Sambas do Povo ; Ciclo de Reis em Goiânia : Tradição e Modernidade

メタデータ	言語: eng 出版者: 公開日: 2009-04-28 キーワード (Ja): キーワード (En): 作成者: Ikeda, Alberto T. メールアドレス: 所属:
URL	https://doi.org/10.15021/00002334

Folias de Reis, Sambas do Povo; Ciclo de Reis em Goiânia: Tradição e Modernidade

Alberto T. IKEDA

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

O presente trabalho enfoca uma das manifestações tradicionais do catolicismo popular no Brasil, as FOLIAS DE REIS, na cidade de Goiânia, Capital do Estado de Goiás, distante 230 quilômetros de Brasília-DF¹⁾. Além do registro documental de algumas delas (principalmente as folias baianas, pouco estudadas até o momento), o assunto traz implícita uma questão que já mereceu a preocupação de diversas áreas — historiadores, antropólogos e sociólogos — qual seja: a “convivência” e as contradições entre a cultura tradicional (representativa de um Brasil de feições agrárias) e a cultura chamada “moderna” (das grandes cidades: das atividades industriais, da comunicação de massa, das atividades de prestação de serviços, da especialização profissional e da informática), subentendendo-se, aqui, as contraposições inter-grupos, classes sociais, ou, como tem sido tratado por vários estudiosos, mais recentemente, entre “cultura popular e cultura dominante”²⁾. Porém, abordagens interpretativas aprofundadas não caberão neste artigo, que não se propõe extenso, mas nas Notas e na bibliografia estarei indicando alguns autores onde temas importantes poderão ser melhor compreendidos.

Nesta questão, mais do que a simples oposição: mundo rural & mundo urbano, conforme aponta Carlos R. Brandão, há de se perceber em relação à transformação de um tipo de viver rural para a vida da “moderna” cidade “a passagem de uma ordem de relações e de sujeitos sociais, para uma outra e para outros sujeitos, ou os mesmos, em novas posições e com novos interesses”³⁾. Assim, tem sido comum nos núcleos urbanos brasileiros que vivenciam o crescimento e a chamada “modernidade”, a não manutenção de práticas religiosas do tipo das folias de reis, que têm se preservado mais em ambientes rurais ou pequenas

idades de “espírito” predominantemente rural. Naturalmente, até em grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro registram-se folias de reis, em alguns bairros, porém de forma isolada e sem maiores repercussões no contexto geral destas. Diferentemente, a cidade de Goiânia, apesar da sua atual conjuntura nos moldes das modernas cidades, mantém de forma bastante dinâmica e abundante a prática dessa modalidade religiosa popular, alcançado até bairros de elite como o Setor Sul e o Jardim América.

A cidade possuía em 1988 (época de coleta de campo) em torno de 1.400.000 habitantes; tendo sido fundada em 1935, como núcleo urbano planejado⁴. Pelos censos de 1975 e 1980, vê-se que a cidade registrou no período um aumento de 89,1% nas atividades do setor de serviços⁵, o que caracteriza bem o crescimento da cidade dentro das particularidades urbanas modernas. Interessante, ainda, é que Goiânia atraiu população migrante das regiões interioranas do próprio Estado assim como de vários Estados limítrofes, principalmente de Minas Gerais e do interior de Bahia, tornando-se importante local para estudo das interpenetrações culturais dessas diferentes regiões.

Um jornal da cidade — *O Popular*, de 3/1/1988 — menciona a existência de “mais de trezentos grupos de foliões”, informação essa que pode ser questionada. Pelas minhas indagações pude ter referências da existência desses grupos na maioria dos bairros e/ou vilas; alguns tendo até mais de uma folia. Levando-se em conta que a cidade possuía mais de 250 bairros e/ou vilas, pode-se supor que é bastante grande a quantidade delas⁶. Consultando-se pessoas de estratos sociais e idades diferentes (populares nas ruas, mercados, rodoviárias, lojas, etc.) percebe-se que não há praticamente quem desconheça a existência de uma ou outra folia. Evidentemente, não se pode fazer a relação direta entre o número de bairros da cidade e a quantidade desses grupos, pois a maioria das folias fazem andanças por vários bairros, e alguns possuem até três grupos distintos, conforme se pôde constatar.

Pelo menos três tipos diferentes de folias são encontradas em Goiânia: sistema mineiro, sistema baiano e sistema misto⁷.

As considerações deste artigo estão baseadas em contatos realizados com oito grupos, sendo: três folias de sistema mineiro, duas folias que incorporam tradições goianas/mineiras e baianas, e três folias de sistema baiano.

As Folias de Reis — trata-se grupos de devotos dos Três Reis Magos que, normalmente no período entre 24 de dezembro a 6 de janeiro⁸⁾, anualmente, portando instrumentos musicais e um estandarte alusivo à devoção, fazem visitas nas casas, onde realizam louvações cantadas ao Menino Deus e aos Reis Magos (Baltazar, Melchior e Gaspar). O estandarte ou bandeira traz sempre a figura dos “Reis Santos” e/ou cenas da natividade, sendo o símbolo representativo das folias⁹⁾. O número de componentes no grupo é variado, na média entre 8 a 12 elementos. Além das cantorias louvativas, as folias angariam contribuições (“esmolas”) para a realização da Festa de Reis (6 de janeiro). Naturalmente, comunicam e convidam os donos das casas visitadas para os festejos. As “esmolas” variam de acordo com as possibilidades de cada casa visitada; no geral são contribuições em dinheiro (pequenas quantias) ou a doação de gêneros alimentícios (arroz, feijão, farinha, macarrão) e até mesmo pequenos animais (galinha, pato, etc), que são utilizados no dia da festa¹⁰⁾.

O ciclo de visitas (jornada ou giro) consiste, basicamente, de: saída de determinada casa (pouso de saída); visitas e pedidos de esmolas em inúmeras casas, durante vários dias, em trajeto previamente estabelecido; chegada à casa onde se encerra o ciclo (pouso ou casa da entrega). Simbolicamente as folias representam a história bíblica. Concretamente, trata-se de uma pequena unidade volante de evangelização e manutenção das tradições católico-populares.

Exemplo 1: *CANTORIA DE SAÍDA* (pauta musical em anexo)

Oi, glória ao Pai e glória ao filho	}	bis=coro
O Espírito Santo também		
O Espírito Santo também		

Oi, glória a Deus lá nas alturas	}	bis=coro
Oi, que nasceu pra nosso bem		
Oi, que nasceu pra nosso bem		

Mas ô que hora tão sagrada	}	bis=coro
Que reuniu neste salão		
Que reuniu neste salão		

Ai, procurando os Treis Reis Santos

Arreuniu seus fulião

bis=coro

Arreuniu seus fulião

Oi, ora viva os campos em fruto

E também viva as arvi (árvores) em flor

bis=coro

E também viva as arvi em flor

Oi, também viva a Virgem Maria

Que é a mãe do Redentor

bis=coro

Que é a mãe do Redentor

Aos vinte e cinco de dezembro

Ai, todas as árvores enfloresceu

bis=coro

Ai, todas as árvores enfloresceu

Ai, quando o galo anunciou

Ai, que Jesus Cristo nasceu

bis=coro

Ai, que Jesus Cristo nasceu

Ai, os Treis Reis quando subero (souberam)

Ai, que Jesus tinha nascido

bis=coro

Ai, que Jesus tinha nascido

Oi, partiro (partiram) do oriente

Ai, todos os treis arreunido

bis=coro

Ai, todos os treis arreunido

Oi, na chegada da lapinha

Ai, foram logo ajuelhando

bis=coro

Ai, foram logo ajuelhando

(foliões se ajoelham)

Oi, avistaram o Pai Eterno

Ai, vossos pés foram beijando

bis=coro

Ai, vossos pés foram beijando

Ai, adoraram Menino Deus

Ai, filho de Nossa Senhora

bis=coro

Ai, filho de Nossa Senhora

Ai, eles foram girá o mundo

Ai, entre caxas (caixas) e viola

bis=coro

Ai, entre caxas e viola

Oi, levantai filho de Deus

Ai, que é filho da benção

bis=coro

Ai, que é filho da benção

(foliões se levantam)

Ai, vamos dar o nosso giro

Oi, pá cumprir nossa missão

bis=coro

Oi, pá cumprir nossa missão

Ai, vô pedi pra o meu alfer (alferes)

Que é o filho da Virgem Maria

bis=coro

Que é o filho da Virgem Maria

Que ponha a mão nessa bandera

E vem benzê a Companhia

bis=coro

E vem benzê a Companhia

Oi, senhora dona da casa

Oi, dá uma chegada até cá

bis=coro

Oi, dá uma chegada até cá

Vem dispidi dos Treis Reis Santos

Que precisamos viajar

bis=coro

Que precisamos viajar

Ai, senhores dono da casa

Oi, adeus até outro dia

bis=coro

Oi, adeus até outro dia

contatos (pedidos) realizados anteriormente ou dos pedidos de visita que vão surgindo à medida que o grupo evolui pelas ruas. À aproximação dos horários previstos para a chegada nos pousos é comum, se há atrasos, o rareamento de visitas, embora uma folia nunca deva negar-se a um pedido expresso de visita. Pode ocorrer também da folia atender pedidos de visita fora do roteiro estabelecido (outros bairros), principalmente de pessoas amigas dos membros do grupo; porém sempre retomam o percurso original.

Embora a tradição das folias seja a de pedir “dormida” (descanso noturno) no decorrer das andanças, em Goiânia isto não foi verificado: os foliões deixam apenas a bandeira e os instrumentos musicais na “casa do pouso”, voltando para dormirem em suas próprias casas. No dia seguinte retornam para prosseguirem com a jornada.

A cerimônia em cada casa visitada no geral se reveste de intensa emocionalidade, já que os devotos se sentem recebendo as próprias entidades espirituais representadas na bandeira da folia. Consiste normalmente de:

- cantoria de chegada e pedido de entrada na casa
- cantoria de saudação aos moradores e pedido de esmola
- entrega da bandeira ao (s) morador (es)
- cantoria versando sobre a Natividade (quando há presépio na casa faz-se a “Adoração do Presépio”, cantada)
- devolução da bandeira à folia
- recebimento da esmola
- cantoria de agradecimento e despedida.

Comumente, de uma única vez, faz-se o “pedido de entrada”, “saudação aos moradores” e o “pedido de esmolas”, assim como não há rigor na cantoria de “adoração do presépio” ou o momento específico do recebimento da esmola.

No tocante ainda aos aspectos rituais, a bandeira por ser o símbolo máximo do culto aos Reis Magos é sempre o centro das atenções e reverências, sendo comum que seja levada (pelos próprios moradores) aos vários aposentos da casa, sendo passada por cima dos mobiliários, como forma de benzimento. Da mesma forma, nas ruas é normal que transeuntes a beijem e se benzam tomando nas mãos as fitas que sempre pendem dela.

Nos pousos “de almoço” e de “janta” os foliões sempre cantam em

agradecimento pela refeição recebida, assim como costumam ovacionar (vivas) aos Reis Magos, aos donos da casa, à cozinheira, etc; além de realizarem rezas à mesa antes de iniciarem a refeição. Pode ocorrer após o repasto momentos de “brincadeiras”, principalmente depois do jantar, com a realização de danças e cantorias profanas. Os foliões de tradição mineira/goiana costumam dançar o Catira (dança com palmeados e sapateados) enquanto os grupos baianos executam principalmente o samba de roda e a chula (pautas musicais e considerações no final).

Além da bandeira, a toalha é implemento presente e importante nos grupos de folia, sendo usada por todos os seus membros. São sempre brancas e, na maioria das vezes, trazem bordadas inscrições alusivas à devoção. Usam-na dobrada em quatro (no comprimento). Por ser também um símbolo sagrado, não pode ser utilizada na forma convencional. Alguns depoimentos sobre o significado dessas toalhas mostram bem a sua importância:

- a toalha “significa, quando São José e Nossa Senhora saíram com a toalha para embrulhar e esconder o Menino Deus, quando os judeus estavam caçando ele.”
- “a toalha é uma corrente pra livrar negócio maligno”
- “a toalha é divisa (identidade) dos Treis Reis Magos, é os soldados (guardiães)”
- “a toalha é divisa de folião” (distingue aqueles que fazem parte do grupo)
- “há de se respeitá esse manto que enxugou Jesus Cristo no padecimento dele”

Estrutura Funcional das Foliás

A liderança dos grupos se dá a partir do “embaixador” da folia, que geralmente é o membro organizador e que tem maior experiência e conhecimentos sobre a prática destas. São chamados também de “mestre”, “capitão” ou “guia”.

A ele cabe a iniciativa das cantorias, como voz principal, além de tudo que se refira à organização do grupo: decisões sobre o percurso a ser cumprido, período do giro, horários, contatos para estabelecer as casas dos pousos, convocação dos músicos, etc. Em grande parte, os líderes seguem tradições herdadas do pai ou algum parente (avô, tio, irmão mais velho), e há nos processos de passagem efetiva da liderança

para novos líderes vários anos de treino. Além da relação de parentesco entre membros das folias há comumente os casos de compadrio. Existem também folias que são organizadas apenas durante um certo número de anos (no geral sete), somente para cumprimento de promessa. Nesses casos é comum que o “dono” da folia convide um embaixador para a realização das jornadas, cabendo ao primeiro toda a parte organizativa e ao segundo a liderança ritualística religiosa. Nas andanças das folias esses líderes, muitas vezes, são alçados à condição de guias espirituais junto à população, sendo solicitados para aconselhamentos nos problemas que afetam os devotos.

Além do mestre, a maior experiência entre membros dos grupos é sempre fator que auxilia no reconhecimento de outras lideranças, nos casos de eventual substituição na chefia dos grupos. Pode existir, assim, a figura do “contra-mestre”, que é um segundo elemento na hierarquia das folias e que geralmente se incumbem de chamada “segunda voz” nas cantorias.

Variando de grupo para grupo existem, também: “Alferes”, que carrega a bandeira e recebe as esmolas (em alguns grupos o recebimento das esmolas é feito pelo palhaço); “Fiscal”, que cuida da parte disciplinar dos foliões; “Regente”, que pode ser responsável pela disciplina ou se encarregar do controle do uso de bebida alcoólica (no geral a pinga) que alguns grupos levam “para resolver o problema do pigarro (rouquidão) na voz”, pelos vários dias de cantorias. Folias que giram em regiões rurais costumam manter o “Carguero” (que carrega a carga = esmolas), também chamados de “Malero” (de mala) e “Ajudantes”, para a guarda e o transporte das doações recebidas durante o giro.

Em várias folias, notadamente as de tradição mineira, ou por estas influenciadas, uma figura importante é o “palhaço” (geralmente dois), chamado também “marungo”, “marujo”, “boneco” ou “bastião”. Vestem roupas largas e coloridas, em cores berrantes, sempre usam máscara e chapéu cônico (ou cobrem a cabeça com toalha), e portam um bastão de madeira ou um chicote. A eles cabem papéis cômicos (dançam desengonçadamente o “lundum”, dirigem gracejos aos transeuntes e aos donos das casas) e, ainda, ficam encarregados de proteger os membros da folia quando estes são ameaçados por cachorros ao se aproximarem das casas; também, vão à frente da folia para indagar

os moradores sobre o interesse ou não em receberem o grupo. Para as crianças, principalmente as menores, os palhaços são sempre motivo de medo, pelo uso da máscara (em geral aterradora) e por estarem o tempo todo em atitudes de grande agitação: correndo atrás das crianças ou perturbando os animais domésticos das casas. Os palhaços têm simbologia variada nas folias, sendo na maioria das vezes identificados com “o mal” (espião do Rei Herodes¹¹) ou representantes do diabo); mas existem também declarações inversas, de que são “os guias da bandera” ou que “os palhaços são dois: um dançou pra distraí o Rei Herode e o outro fugiu com o Menino (Deus)”, portanto, representando “o bem”¹².

Apesar da liderança “natural” dos mestres, pelos aspectos já pontados, alguns reforçam este ponto através da ordem estabelecida vigente (estrutura oficial de poder), com, p.ex., a aplicação do “Regulamento da Folia”, com base no Alvará (autorização) Policial a que as folias estiveram submetidas na cidade em tempos anteriores. Segundo alguns depoimentos, os alvarás eram obrigatórios “antigamente”, não o sendo mais. Percebe-se, no entanto, que alguns líderes fazem questão de colocar aos foliões as regras disciplinares, muito em função do que constava nos alvarás, conforme exemplo a seguir:

(Regulamento lido por um “capitão” de folia, no dia da saída)

- 1) “Não é permitido a presença (na folia) de pessoas armadas ou embriagadas”
- 2) “Não é permitida a presença de menores desacompanhado de seus pais ou responsáveis”
- 3) “Fazer silêncio quando chegar a noite... A partir das 19 horas... porque 18 horas o sol ainda tá alto... então caladinho igual aos Reis Magos”
- 4) “Dar ciência às autoridades. Se as autoridade procurá o que nós tamo fazendo, nós tamo girando com a folia pra cumpri uma missão. As autoridade são as polícia civil ou militar ou do exército.”
- 5) “fulião não pode sair antes de agradecer a mesa, na hora da refeição”
- 6) “fulião não pode sair com a toalha no pescoço para o buteco (bar). Se for comprá um cigarro ou fósforo, pega a toalha e dá pra outro soldado, outro irmão dele, comprá o fósforo. Se o público vê o fulião num buteco... pode pensá que ele tá bebendo. E as vez ele

tá lá bebendo.”

- 7) “não fazer algazarra. Agarra... achou uma menina (mulher) bonita, deixa pra depois da folia. Respeitá esse manto que enxugou Jesus Cristo no padecimento dele”
- 8) “não perturbar o sossego público.”
- 9) “não chegar atrasado.”
- 10) “não mexer nas coisas alheia. Não emprestar os instrumento.”
 (“Capitão Amantino” — Argemiro Isidoro de Macedo — Folia do Setor Pedro Ludovico, 1/1/1988)

Exemplo 2: CANTORIA DE AGRADECIMENTO PELO ALMOÇO
 (pauta musical em anexo)

Ai, bendito louvado seja	}	bis
As treis palavra de Deus		
Pai e Filho e Sprito (Espírito) Santo	}	bis
Seja pelo amor de Deus		

Ai, os Treis Reis, ai, procurô	}	bis
Que é pra todos fulião		
Respondeu Nossa Senhora	}	bis
Pois o Filho tem benção		

Ai, Deus lhe pague o belo almoço	}	bis
Que vóis deu pra os fulião		
Quando for no outro mundo	}	bis
De Deus tem a sarvação		

Ai, Deus que pague ao belo pão	}	bis
É o pão de cada dia		
Santo Reis que lhe abençoa	}	bis
Por toda sua familia		

Ai, Deus lhe pague ao belo armoço	}	bis
E também o seu café		
Santo Reis que lhe ajuda	}	bis
São Joaquim e São José		

dedica-se aos trabalhos domésticos. Em geral, existe nos grupos o problema de compatibilização entre o trabalho e a participação nas folias, já que são vários dias de jornada. Alguns foliões conseguem soluções como: pedido prévio de férias na época das jornadas ou a simples falta ao trabalho, enquanto outros têm participação na folia em determinados dias ou horas, que intercalam com o trabalho profissional. Tudo no sentido de “cumprir a devoção”. Enquanto alguns grupos conseguem a participação permanente de todos os seus membros, outros recorrem à substituição de alguns elementos no decorrer das jornadas em função de problemas com o trabalho. Os líderes são sempre fixos, dificilmente ocorrendo substituição.

Diferentes Tipos de Folias (com base na estrutura musical)

Sistema Mineiro — São as mais comuns na cidade. Realizam cantorias em andamento no geral entre M.M. $\text{♩} = 72$ a 88, com várias vozes (6 ou mais), em forma responsorial (solo/coro) e em harmonia predominante dentro do sistema tonal tradicional. Assim, em cada estrofe cantada repete-se a forma responsorial entre solista e resposta coral. As vozes, no coro, notadamente as mais agudas, entram e se ajustam no decorrer da cantoria, chegando ao final de cada estrofe com a sobreposição da totalidade das vozes. Normalmente dobram-se em oitavas (falsete) as vozes mais graves, a partir da harmonia de base (3ª, 5ª. ou 6ª.). Não se pode dizer que existe um sistema de harmonização uniforme o tempo todo, pois esta se faz de forma intuitiva e ajustada a cada momento, podendo ocorrer evolução paralela das vozes ou a realização de notas pedais, criando-se contrapontos e inversões harmônicas. As bases harmônicas são, entretanto, fundadas nos acordes da harmonia tradicional tonal. Naturalmente, tendo sempre a sustentação harmônica e melódica de instrumentos musicais, como: sanfona, viola(s), violão(ões), cavaquinho(s), rabeça (violino), sob a marcação rítmica da caixa, do pandeiro e do triângulo. Nota-se nesses grupos grande ênfase no que se refere à parte harmônica. Instrumentos musicais de registro agudo, como o cavaquinho e a rabeça, costumam realizar solos paralelos às vozes, assim como as introduções, os interlúdios e as finalizações, juntamente com a sanfona.

No geral as folias mineiras têm participação só de homens.

Sistema Baiano — Pode-se dizer que em Goiânia existem dois

tipos de folias praticadas por migrantes do interior da Bahia: “Folia de Gaita” e “Folia de Música”¹³).

A Folia de Gaita baseia-se no uso de duas flautas de bico (pífanos) denominadas “gaitas” ou “pifes” e instrumentos de percussão: “bumba”, “tambor” ou “caxa”, além de outros como o “requi-requi” (reco-reco), pandeiro, triângulo e o “maracaxá”(chocalho). Trata-se do tradicional “Terno de Pifes” ou “Zabumba”, comum na região nordestina do Brasil. O bumba e o tambor são tambores de tamanhos variados, denominando-se bumba ao maior deles.

A música da folia de gaita tem andamento entre M.M. ♩ = 100 a 138, notando-se ênfase no aspecto rítmico, sendo comum na melodia o uso de células rítmicas sincopadas, conferindo-lhes caráter dançável, contrapondo-se à dolência e ao quadradismo rítmico-melódico das folias mineiras. As gaitas realizam introduções, interlúdios (melodia instrumental entre as estrofes cantadas) e os encerramentos, nas cantorias. São executadas predominantemente em terças paralelas, enquanto as vocalizações se fazem também em duplas (em oitavas, uníssono ou em terças). Sempre se intercalam solo instrumental e cantoria vocal. As melodias nesses grupos fogem à tradição tonal tradicional, existindo predominante uso de escalas defectivas (escalas não completas, com 3, 5 ou 6 notas), embora tendo base tonal. Os solos das gaitas tanto podem repetir a melodia vocal quanto realizar solo diverso desta¹⁴.

A Folia de Música se caracteriza pelo uso de instrumentos harmônicos convencionais como a sanfona, viola, violões, além da percussão, porém, mantendo cantos da tradição baiana, conforme apontado anteriormente. Assim, também, têm andamento mais rápido que as folias mineiras. Verifica-se nestas a mesma forma de intercalação entre canto e solo instrumental.

Segundo depoimentos de vários foliões baianos, os grupos daquela região não costumam ter bandeira, porém adotaram-na em Goiânia em função da tradição local¹⁵.

Nas folias baianas é comum a participação de mulheres, muitas vezes, tendo liderança no grupo, inclusive nas cantorias; havendo também grupos só de homens.

Sistema Misto — São folias que incorporaram músicas dos diversos sistemas (mineiro, goiano e baiano), muitas vezes, por

reunirem foliões de tradições diferentes. Geralmente têm predomínio do sistema mineiro na parte instrumental. Percebe-se nelas influências mútuas, como é o caso de uma das folias pesquisadas (Jardim Guanabara) cujo embaixador¹⁶⁾ nasceu em Goiás, mas conhece e pratica formas de cantorias dos sistemas goiano, mineiro e baiano.

Sistema Goiano — Segundo a pesquisadora Yara Moreira, “consiste de quatro cantores, dois homens e dois meninos. Estes cantam ‘por cima’ das vozes masculinas, ou seja, o canto é realizado por duas vozes dobradas”¹⁷⁾. Desse tipo não pude contatar nenhum grupo em Goiânia. A própria pesquisadora diz não ser comum encontrar-se grupos desse tipo atualmente em Goiás, assim como também vários participantes das folias pesquisadas declararam não terem conhecimento de folias goianas na cidade. Segundo informações de um deles¹⁸⁾, o sistema goiano consiste de “tirar música em três pessoas e respondê com três também”, depoimento este que diverge do da pesquisadora citada.

Exemplo 3: *CANTORIA DE AGRADECIMENTO PELO ALMOÇO
E HOMENAGEM A PESSOA FALECIDA*
(Pauta musical: o mesmo do ex. 1, no final)

Ai, Jesus Cristo perguntô	}	
Ai, quem tratô dos fulião		bis=coro
Ai, quem tratô dos fulião		
Ai, os Treis Reis arrespondeu		
É esses filhos da benção		bis=coro
É esses filhos da benção		
Ai, Deus vos pague o alimento		
Ai, que tirô a nossa fome		bis=coro
Ai, que tirô a nossa fome		
Que vóis tenha outra lá no céu		
Ai, do manjar que os anjo come		bis=coro
Ai, do manjar que os anjo come		

Ai, Deus vos pague o alimento
 Oi, que vós deu de boa vontade bis=coro
 Oi, que vós deu de boa vontade

Ai, os Treis Reis que lhe abençoa
 Também vos dê felicidade bis=coro
 Também vos dê felicidade

O alimento que vós deu
 Ai, os Treis Reis que lhe ajude bis=coro
 Ai, os Treis Reis que lhe ajude

Oi, que não falte os vossos pão
 Também vos dê vida e saúde bis=coro
 Também vos dê vida e saúde

Oi, entregai essa bandera
 Oi, pra aquela rica senhora bis=coro
 Oi, pra aquela rica senhora

Ai, vô pedi meus fulião
 Ai, um silêncio bem profundo bis=coro
 Ai, um silêncio bem profundo

Oi, pra cantá pra um cristão
 Que já está no outro mundo bis=coro
 Que já está no outro mundo

Que já entrego a vossa alma
 Pra o Divino Pai Eterno bis=coro
 Pra o Divino Pai Eterno

Que os Treis Reis do Oriente
 Oi, livrai do fogo do inferno bis=coro
 Oi, livrai do fogo do inferno

Ai, bendito louvado seja
 Que para sempre seja louvado bis=coro
 Que para sempre seja louvado

Oi, que Deus tenha lá no céu
 Ai, este morto sepultado bis=coro
 Ai, este morto sepultado

As Cantorias — Os Versos

As cantorias se compõem de versos tradicionais (prontos) e de versos improvisados ou menos usuais, quando surgem situações onde o “embaixador” os cria para o atendimento destas; p.ex., cantar mencionando pessoa falecida ou pedir pela recuperação da saúde de algum membro doente da casa. Nos casos em que há promessa dos moradores das residências visitadas, o “mestre” sempre faz menção ao fato, tomando para si o direito de, em nome dos Reis Magos, reconhecer e dar por cumprida a promessa feita.

A quantidade de estrofes nas cantorias é bastante variada, dependendo de cada situação ou de cada embaixador. Podem ocorrer cantorias de três até quarenta estrofes, conforme registrado nas folias pesquisadas. O número de estrofes se gradua, segundo me parece, conforme a importância do momento; assim, as cantorias das cerimônias de “saída”, da “entrega” ou de “agradecimento pelas refeições” são sempre longas. De mesma forma a quantidade de estrofes pode variar de casa para casa até pela quantia de esmola recebida, ou se são pessoas amigas dos foliões, ou, ainda, se a folia está atrasada para a chegada aos pousos. A impressão que se tem é que muitos mestres de folia passaram a abreviar a quantidade de versos nas cantorias, pelo grande número de casas que visitam na cidade (isto não deve ocorrer nas regiões interioranas onde a densidade populacional é menor). Segundo um dos mestres entrevistados¹⁹⁾ são os seguintes os tipos de cantorias, tradicionalmente:

- “Anúnciação e a viagem”, 25 estrofes
- “do Nascimento”, 25 estrofes
- “Viagem dos Oriente”, 24 estrofes
- “Saudação do Centro (Espírita)”, 24 estrofes
- “Saudação do altar”, 12 estrofes

“Recebimento das Treis Coroa”, 25 estrofes

“De promessa ou voto”, 6 estrofes

“Para pessoa falecida”, 7 estrofes

“Despedida do altar e agradecimento”, ?

Na grande maioria dos casos os versos se fazem em redondilha maior (sete pés), sendo que as estrofes se formam em consonância com a frase musical, baseadas em dísticos e quadras.

Oi, glória ao Pai e glória ao Filho

O Espírito Santo também bis

O Espírito Santo também

(Dístico, com repetição do 2º verso e nova repetição integral pelo coro)

Bendito louvado seja

As treis palavra de Deus bis

Pai e Filho Sprito Santo

Seja pelo amor de Deus bis

(Quadra, com repetição dos versos dois a dois)

São José, Nossa Senhora

São José, Nossa Senhora

Mandado com São João

Mandado com São João

Santo Reis mandô dizê

Que ajoelhe os fulião

(Quadra, com repetição do 1º e 2º verso)

Senhora dona da casa

Deus lhe dê uma boa tarde bis

Ai, meu Deus

Deus lhe dê uma boa tarde

(a rigor trata-se de um dístico, já que a 2º verso se repete, de forma conclusiva na parte musical. Percebe-se aí a adequação à frase musical)

Vimos cantar os Reis
Vimos cantar os Reis
Cantamos com alegria
Cantamos com alegria

(Dístico, com repetição intercalada dos versos)

As cantorias se fazem basicamente em ritmo binário, tendo sido gravados apenas 2 casos de ritmo binário composto.

O Dia da Entrega

O dia “da entrega” é o momento culminante e mais solene do ciclo de Santos Reis. Significa a chegada dos Magos a Belém. A data da entrega varia de grupo para grupo (conf. Nota 8), sendo, no entanto, o dia 6 de janeiro (dia oficial dos Reis Magos, pela Igreja Católica) o de maior preferência. Nos grupos que fazem a entrega antes de 6 de janeiro é comum a realização, nesse dia, de rezas na “casa da entrega” ou do “mestre”.

As cerimônias “da entrega” são variadas, dependendo do que foi angariado durante as jornadas ou das condições de posse do dono da casa (festeiro) e também da tradição particular de cada grupo. (No geral, as arrecadações em dinheiro não são suficientes para cobrir os custos da festa, segundo depoimentos de vários “mestres de folia”). Fazem-se, desde cerimônias simples — com realização de cantorias e rezas diante do presépio, com oferecimento de jantar aos foliões e alguns poucos convidados — até cerimônias complexas que duram quatro horas ou mais, como o caso da chegada onde se realiza a “cerimônia dos arcos”.

A cerimônia consiste da colocação de três arcos (geralmente de bambu), no caminho de chegada da folia até a porta da casa, sendo que em cada arco a folia pára e realiza longas cantorias e pede passagem²⁰⁾. A concessão da passagem (pelos donos da casa) se faz pelo rompimento de “correntes” (de papel crepom ou fitas) que são colocadas como obstáculos junto a cada um dos arcos. Todo o espaço em frente a casa é enfeitado com bandeirolas coloridas, até mesmo os espaços da rua. A última corrente corresponde ao da porta da casa. Ultrapassados os três obstáculos, que para os devotos significam “as dificuldades que os Reis Magos tiveram no caminho para Belém”, realiza-se diante do presépio longas cantorias, reza-se o terço e faz-se o ritual de retirada das

máscaras dos “palhaços” (quando existem) que se ajoelham e pedem “absolvição” ao Menino Deus. Serve-se, então, o jantar aos foliões primeiramente. Canta-se o “Bendito de Mesa” (acompanhado ou não dos instrumentos musicais). No decorrer do jantar “escolhe-se” ou se anuncia o festeiro do próximo ano, geralmente levando-se em conta a manifestação de interesse de algum elemento presente, que sempre há. Na verdade, a escolha já está de alguma forma estabelecida anteriormente, entre pessoas de convívio dos membros da folia. Muitas vezes o festeiro é o próprio “mestre” da folia.

Assumir a condição de festeiro é sempre fator de prestígio na pequena comunidade que se forma em torno das atividades das folias, pois além dos gastos pecuniários que lhe conferem distinção pelo maior poder econômico, forma-se nessas ocasiões significativo grupo de agregados (ajudantes) para a realização da festa (vizinhos, parentes, compadres) que ficam sob suas ordens, estabelecendo-se aí uma relação de hierarquia e distinção social (reprodução da estrutura social hierarquizada), embora num primeiro momento possa parecer uma relação entre iguais. Podemos confirmar assim a observação de Alba Zaluar, de que: “Na festa de Santo, vista enquanto ritual, são expressos os valores que integram e unificam as diversas classes e categorias de pessoas, mas nela também o conflito aparece sob forma camuflada em certas fases desse campo de atividades específico. A relação entre o festeiro, que tradicionalmente redistribui o que foi recolhido dos promesseiros pela folia, e seus convivas, geralmente a gente mais pobre das localidades, acentua ritualmente os padrões morais de relação entre patrões e lavradores, entre ricos e pobres, entre poderosos e dependentes”²¹⁾.

Exemplo 4: *CANTORIA DE PEDIDO DE ESMOLA*

(pauta musical em anexo)

Senhora dona da casa
 Senhora dona da casa
 Muito alegre deve estar
 Muito alegre deve estar

} bis=coro (2 vozes femininas)

Aí estar os Treis Reis Santos
 Aí estar os Treis Reis Santos
 Vei aqui lhe visitá
 Vei aqui lhe visitá

bis=coro

Vei trazê vida e saúde
 Vei trazê vida e saúde
 Pra senhora e a família
 Pra senhora e a família

bis=coro

São despedida de festa
 São despedida de festa
 Entrada de novo ano
 Entrada de novo ano

bis=coro

Os Treis Reis pede uma oferta
 Os Treis Reis pede uma oferta
 Se ele for merecedor
 Se ele for merecedor

bis=coro

Quando der a vossa oferta
 Quando der a vossa oferta
 Não repara para dar
 Não repara para dar

bis=coro

Esse memo Treis Reis Santo
 Esse memo Treis Reis Santo
 Ponha outra no lugar
 Ponha outra no lugar

bis=coro

Considerações Finais

O aspecto realmente marcante sobre o ciclo da natividade na cidade de Goiânia é, de fato, o dinamismo e a grande quantidade de Folias de Reis que ali atuam, além da variedade de tipos que são praticados. Percebe-se entre elas desde sutis e pequenas diferenças até distinções profundas, como ocorre entre as folias de tradição mineira/goiana e as folias baianas. Mesmo entre os grupos de igual tipo

existem variáveis em seus elementos que dificultam as tentativas de descrições de cunho generalizador.

A unidade desses grupos se faz, porém, centrada na religiosidade, no culto ao Menino Deus e aos Santos Reis, ligando tradições culturais às vezes bastante diversas. Assim, a própria tradição religiosa-católica é o elo unificador desses grupos, embora a Igreja Católica oficial não tenha atualmente interferência direta na existência destes e nem no dinamismo com que ocorrem na cidade. Enquanto determinados grupos se mostram desfalcados de certos elementos que caracterizam historicamente as folias de reis, outros mantêm-se integrais e já estabeleceram tradição nos bairros da cidade, demonstrando grande vigor a cada ano.

Percebe-se, grosso modo, a aceitação das várias formas de folias por parte da população; apesar, naturalmente, do maior ou menor agrado que alguns possam demonstrar diante dos grupos aos quais estão mais acostumados.

Entre as folias baianas percebem-se adaptações e a adoção de alguns procedimentos da tradição local (goiana/mineira, basicamente), como o uso da bandeira, que estes não praticavam em suas regiões de origem. Porém, estes migrantes têm conseguido manter elementos fundamentais das suas próprias tradições, como se nota nos aspectos musicais, que atuam nestes grupos como uma espécie de amálgama que alinhava a unidade grupal assim como é o elo de acesso com as divindades e a coletividade. Há, inclusive, casos inversos onde, p.ex., um embaixador nascido em Goiás passou a adotar formas de cantoria do sistema baiano, além daquelas da sua própria vivência original. Podemos lembrar, ainda, que prevalecem na cidade as folias do tipo mineira e não do sistema goiano como seria de se supor. Naturalmente, este quadro se verifica por ser Goiânia uma cidade de formação relativamente recente onde não havia, quando do processo inicial das migrações, uma tradição já cristalizada nesse campo, o que possibilitou aos que para lá se dirigiram, em número significativo, a manutenção de suas tradições. Por outro lado, a grande quantidade de folias na cidade se verifica, muito, em função da aceitação e da prática que a população migrante das diversas regiões e a população local mais antiga cultivava e mantém em relação a esta forma religiosa.

Alguns aspectos mostram adaptações das folias à vivência da

“cidade grande” e com a chamada “modernidade”, como:

- não realização do pouso de dormida pelos foliões;
- uso de veículos (carros) para alguns deslocamentos mais longos da folia;
- mutabilidade de alguns membros (foliões) no decorrer das jornadas, em função de problemas como trabalho profissional;
- diminuição, em algumas folias, do número de estrofes cantadas nas casas, diante da grande quantidade de visitas que realizam;
- presença comum de gravadores e máquinas fotográficas entre os foliões (para registro das cerimônias), assim como figuras de plástico nos presépios, altares e bandeiras;
- intervenção policial, com a exigência do Alvará(embora não mais necessário atualmente);
- distanciamento maior entre a população que realiza e vive diretamente a prática das folias com as elites da cidade (proprietários, profissionais de formação universitária, etc). (Nas regiões rurais, embora as classes econômicas sejam distintas, muitas vezes as tradições culturais podem ser mais próximas);
- diminuição, em muitas folias, dos dias de jornadas em função de problemas com o trabalho;
- convivência dos foliões com os meios de comunicação de massa (TV, rádio, toca-discos);
- o exercício por parte dos foliões de profissões subalternas típicas das grandes cidades e não mais ligadas às atividades agrárias.

Assim, apesar das modificações que esses elementos podem provocar nas folias, não se pode concordar de forma simples, com a observação da pesquisadora Yara Moreira: “Mas a folia está condenada à descaracterização e, no seu sentido original, possivelmente à extinção”²²⁾. Apesar das transformações, algumas condições de restabelecimento da “ordem de relações e de sujeitos sociais”²³⁾ têm se verificado nos bairros onde circulam as folias em Goiânia, possibilitando, provavelmente por bom tempo ainda, a continuidade destas, que podem, inclusive, ser entendidas como fator de identificação dos marginalizados da grande cidade e, ainda, como elemento de mediação moderadora entre o tipo de viver das pequenas cidades interioranas e da vida do campo com o novo cotidiano do grande centro urbano, já que na

maioria das vezes trata-se de migrantes dessas condições.

Estudos mais aprofundados, no entanto, poderão apontar contraposições internas de ordem social, porquanto é revelador que as folias evitam o giro em áreas coincidentes, fugindo à aproximação com outros grupos e, ainda, as folias de migrantes baianos, sem ser regra absoluta, foram localizadas em bairros distantes, junto à população mais carente, enquanto nas regiões mais centrais circulam predominantemente folias da tradição mineira/goiana. Naturalmente, essa distribuição geográfica das folias se dá diante da própria conformação histórica da cidade, onde a população migrante pobre da Bahia se estabeleceu por último, ocupando os seus espaços periféricos.

Acompanhando uma folia baiana (Parque Santa Cruz²⁴), pude presenciar momentos reveladores, sutis, dessas contraposições intergrupos na cidade, como os registrados num dia de forte chuva, enquanto os foliões aguardavam melhores condições para prosseguimento do giro. Passaram a se propor adivinhas, entre os foliões:

- a) Pergunta: Você sabe qual a diferença entre o eucalipto e o Goiano?

Resposta: O eucalipto, quando você planta, ele cresce, cresce e depois ele fica grosso, ... o goiano já nasce grosso.

- b) Pergunta: Sabe com é a "Ave Maria" dos Pentecostes? (religiosos das Igrejas Pentecostais)

Resposta: Alvenaria, cheia de massa
O senhor come rosca
Bendito é o revólver
Atira na gente e apaga a luz
(dentro da estrutura recitativa tradicional desta oração)

- c) Piada sobre o giro de uma folia mineira:

A folia parou na estrada, perto de uma fazenda, para rápido descanso. A bandeira foi deixada junto à cerca, sendo que uma vaca comeu o tecido. Ao chegarem na fazenda cantaram:

E aqui está o pau da bandeira
E o pano a vaca comeu
O curpado foi de nós mesmo

Da pinga que nós bebeu, ai, ai
Outra cantoria:
Obrigado meu senhor
Pela oferta que não deu
Pela oferta que não deu
Dá um cheiro (beijo) no bambu
Que a bandera o boi comeu
(cantam imitando as formas musicais das folias mineiras).

Assim, percebe-se nestes momentos, aparentemente de simples “passa-tempo”, na realidade, as contradições inter-grupos, dentro da própria população das baixas classes, sendo que as mais flagrantes no momento são as que se dão ao nível das relações entre devotos da tradição católico-popular e os chamados “crentes” (Igrejas Pentecostais) que têm crescido bastante, tanto nos grandes centros urbanos quanto nas regiões interioranas, e combatem muito as manifestações do catolicismo tradicional popular, evidentemente, trazendo conflitos sutis de ordem social.

Portanto, em que pese as críticas de ordem ideológica que alguns estudiosos²⁵ fazem às práticas culturais populares como instrumentos de alienação política (com as quais pode-se concordar, pelo menos em parte), há de se reconhecer nelas, neste caso específico, diante do reformismo reacionário proposto no crescimento dessas igrejas pentecostais, um instrumento de resistência e identidade dessas populações, ao mesmo tempo que, sob a ótica mais ampla, transformam-se intuitivamente em resistência à cultura hegemônica de caráter “modernizante”. Entretanto, não se pode, por outro lado, radicalizar a visão “dionisíaca” de, partindo desses exemplos ou das culturas populares como um todo, ver nestas uma tendência transformadora (estrutural) inata do social, já que as pesquisas, até o momento, não permitem tanto. Quando muito será possível uma perspectiva de eventual potencialidade transformadora, conforme aponta Marilena Chauí quando diz que “a prática da Cultura Popular *pode* (grifo meu) tomar a forma de resistência e introduzir a ‘desordem’ na ordem, abrir brechas, caminhar pelos poros e pelos interestícios da sociedade brasileira: ...” ; porquanto, no caso aqui estudado, cantam-se “folias aos Reis” mas também

praticam-se os “sambas do povo”²⁶⁾.

Em Goiânia, as folias de reis, pela quantidade e pelo dinamismo, não refletem no momento apenas a transposição isolada do viver do campo para a cidade, mas constitui fenômeno de maior amplitude, diferentemente do que vimos assistindo na maioria das cidades brasileiras nos seus processos de crescimento, onde comumente se observa grande desagregação social e perda das identidades culturais dessas populações dos excluídos.

TRANSCRIÇÕES MUSICAIS(Anexo)

FOLIA DE REIS

Exemplo 1: **CANTORIA DE SAÍDA**

Folia do Setor Pedro Ludovico(Folia mineira)

Embaixador: Argemiro Isidoro de Macedo — “Capitão Amantino”

$\text{♩} = 72$

oi glorioso e glorioso... Despi-ri-to Santo tam-
 bom - Despi-ri-to - o santo tam-bém...
 (Solo)
 (interlúdio)
 (canto)
 (inter. Instr.)
 (inter. Instr.)

Perussão base: bumbo $\text{t} \text{ } \text{t} \text{ } \text{t} \text{ } \text{t}$
 Pandeiro $\text{t} \text{ } \text{t} \text{ } \text{t} \text{ } \text{t}$

Exemplo 2: *CANTORIA DE AGRADECIMENTO PELO ALMOÇO*
 Folia do Parque Santa Cruz (Folia baiana)
 Embaixador: Valdemir Alves de Souza — “Capitão Valdir”

J = 100

1. *Ben-di-to tu-um do ce-u-a-gra-tias po-la-me-de-Deus. 2. Deus*

(sem melodia) *(com melodia na harmonia)* *(grito)*

1. *Tai-a-zi-ros-pinho-mu-to-to-za-pe-legua-de-Deus. Deus.*

1. parte - 2. parte em uníssono

Percussão base - tambora (caixas)

Exemplo 3: *CANTORIA DE AGRADECIMENTO PELO ALMOÇO*
E HOMENAGEM A PESSOA FALECIDA
 (Mesma melodia do exemplo 1)

Exemplo 4: *CANTORIA DE PEDIDO DE ESMOLA* ²⁷⁾
 Folia do Parque Alvorada (Folia baiana)
 Embaixador: José Simão Rosa

J = 84

1. *senho-va-de-na-da-ca-sa, senho-va-de-na-da-ca-sa-muito*

La-gra-da-va-ga-ter, muito-a-le-gra-da-va-ga-ter. 2. Ai-ai-

Percussão base: bumbo

Apesar desta folia ter todos os seus componentes baianos, não havia a presença das “gaitas”, pois o Embaixador não conseguiu quem as executassem; usam apenas um violão, dois tambores e um pandeiro vazado. O violão serve apenas como elemento de marcação da pulsação rítmica, sem qualquer afinação. Observe-se a melodia, que transportada para a pauta sem acidentes (dó) resulta no modo de Si Natural, sem o 6º grau, portanto baseada em sistema modal, em série defectiva. Uma outra análise será possível, qual seja: se considerarmos que esta melodia pode ter sido executada originalmente em terças (abaixo, neste caso), tão comum no nosso folclore musical — até em execução das “gaitas”, então, a interpretação passa a ser outra, ou seja, tratar-se-á de melodia sob a escala maior com o 7º grau rebaixado ré bemol, ou modo de Sol Natural (Mixolídio litúrgico ou eclesiástico) que tem grande ocorrência na região nordeste. Nesse caso a indicação dos acidentes na armadura da clave deverá ser: si bemol, mi bemol, lá bemol, ré bemol e sol bemol, ficando o dó bemol como acidente ocorrente (7ª nota rebaixada, do modo maior). Como a melodia foi interpretada nesse grupo apenas em uníssono, sem o acompanhamento de qualquer instrumento de reforço harmônico, esta segunda interpretação fica impossibilitada de confirmação apesar de bastante lógica.

Sambas de Roda

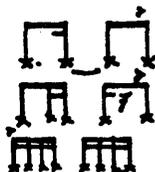
A motivação maior para a realização do samba se dá quando as folias baianas visitam casas de outros migrantes da Bahia, naturalmente. Apesar da dança ser realizada sobretudo após as refeições (preferencialmente depois do jantar), segundo alguns depoimentos, há a obrigatoriedade dos foliões executarem a chula e/ou o samba sempre que o dono da casa solicitar.

Os sambas têm melodias curtas (versos dísticos e quadras) “puxados” por um solista e respondido em coro pelos demais participantes. A dança se desenvolve em roda, com um par de solistas no centro, que se revezam com os elementos da roda. Pode ter acompanhamento de instrumentos melódicos ou harmônicos, ou apenas o canto com o palmeado (“samba de boca”) fazendo a marcação rítmica. Há depoimentos de samba realizado apenas com música instrumental, sem canto.

Ritmos básicos: Palmeado

Tambores

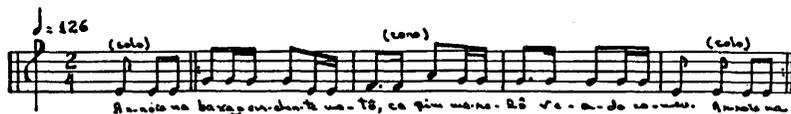
Caixa



ARROIS NA BAXA (Arroz na baixa)

Arrois na baixa enchente matô (solo)

Capim marelô (amarelou), veado comeu (coro)



A CASA CAI

A casa cai, cai, cai, (solo)

Em cima de mim ela não cai (coro)



Ê VEM JOÃO DUQUE

Ê vem João Duque, cambada (solo)

Quem não tem canoa cai n'água (coro)



(Segundo a informante: João Duque era um fazendeiro da localidade onde morava, que era “muito brabo” e permitia a realização de festas somente após o seu consentimento)

PIRU, PIRU (Peru)

Piru, piru, piru da bananera (solo)

O piru bebeu cachaça, vadiô a noite inteira (coro)

♩ = 126

(solo) (coro)

pi - ru, pi - ru, pi - ru da ba - na - ne - ra. O pi - ru be - beu ca - cha - ça - va - di -
ô a no - ite in - tei - ra. Pi -

Detailed description: The musical notation is in 2/4 time with a tempo of 126. The melody is written on a single staff. The first line contains the lyrics 'pi - ru, pi - ru, pi - ru da ba - na - ne - ra. O pi - ru be - beu ca - cha - ça - va - di -' with '(solo)' above the first two notes and '(coro)' above the last two notes. The second line contains the lyrics 'ô a no - ite in - tei - ra. Pi -' with '(solo)' above the first note. The piece ends with a double bar line.

TAVA DEBAIXO DO PAU

Tava debaixo do pau

A sariema (siriema) vuô (voôu) (solo)

O gafanhoto caiu

A sariema pegô

(coro)

♩ = 126

(solo) (coro)

Ta - va de - ba - i - xo do pa - u. A sa - ri - e - ma vu - ô - O ga - fan - ho - to ca - i - u - , a sa - ri -
e - ma pe - gô. Ta - va de -

Detailed description: The musical notation is in 2/4 time with a tempo of 126. The melody is written on a single staff. The first line contains the lyrics 'Ta - va de - ba - i - xo do pa - u. A sa - ri - e - ma vu - ô - O ga - fan - ho - to ca - i - u - , a sa - ri -' with '(solo)' above the first two notes and '(coro)' above the last two notes. The second line contains the lyrics 'e - ma pe - gô. Ta - va de -' with '(solo)' above the first note. The piece ends with a double bar line.

Ô EMA, Ô EMA

Ô ema, ô ema,

Ô ema corredera

Nunca vi pa'sso (pássaro) de pena

Pra corrê dessa maneira

(solo)

(coro)

♩ = 126

(solo) (coro)

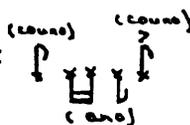
ô e - ma, ô e - ma, ô e - ma cor - re - de - ra, nun - ca vi pa - s - so de pe - na pra cor - rê des - sa ma -
ne - i - ra.

Detailed description: The musical notation is in 2/4 time with a tempo of 126. The melody is written on a single staff. The first line contains the lyrics 'ô e - ma, ô e - ma, ô e - ma cor - re - de - ra, nun - ca vi pa - s - so de pe - na pra cor - rê des - sa ma -' with '(solo)' above the first two notes and '(coro)' above the last two notes. The second line contains the lyrics 'ne - i - ra.' with '(solo)' above the first note. The piece ends with a double bar line.

Chula

As informações obtidas sobre a chula são variadas. Pude observar dois tipos, que denominavam chula: a) cantoria de improvisação de versos, que chamam: “Jogar verso” (solo), intercalada com refrão fixo (coro), sem dança; b) movimento circular dos foliões, ao som de música instrumental (gaitas e percussão) em andamento bastante rápido (M.M $\downarrow = 160$); que poderíamos considerar uma espécie de dança em movimento andante, em círculo. Em alguns momentos houve a presença de um par (duas mulheres) dançando no centro da roda, ao mesmo tempo em que os foliões giravam.

Alguns informantes afirmam que a chula “não é dança”, porém Oswaldo de Souza, que pesquisou a música na região do (rio) Médio São Francisco-Bahia²⁸) diz: “Na maioria dos sambas, as melodias são curtas, embora em alguns casos note-se um maior desenvolvimento melódico, recebendo, então, a melodia, a denominação de ‘chula de samba’. Conforme pude observar, não existe diferença coreográfica entre as duas” (chula e samba). Diz, ainda, o autor que a chula ocorre no samba, “embora tenha vida cancionável independente.”

Ritmo no tambor: 

CHULA

(solo)	O Janaína	}	bis
	Pra que você feiz assim		
(coro)	Eu vim de lá	}	bis
	Para te ver, você escondeu de mim		
(solo)	Quem tem dois anel no dedo		
	Um é grande outro é pequeno		
	Eu tem (nho) dois amor no mundo		
	Um é branco outro é moren (no)		
	Eu vim ...		
	O senhor diga o seu nome		
	Que eu também, eu digo o meu		
	Eu me encanto fazendo ... (verso incerto; ininteligível)		
	Daquele terninho seu		
	Eu vim ...		

Água pra cima não corre
 Pra baixo ela tem carrera
 Viva quem tem amorzin (nho)
 Na fazenda Gamelê (ra)

Eu vim...

A foíá (folha) da bananera
 De tão alto foi o chão
 Quem tivé língua comprida
 Faça dela um currião

Eu vim ...

Lá no céu tem treis estrela
 Toda as treis encarreá (da)
 Uma é minha e outra é sua
 Outra é do meu namorá (do)

Eu vim ...

Obrigado seu Simão
 Pelo verso em mim rogô (incerto)
 Na sola do seu sapato
 Correu água e nasceu flô

Eu vim ...

♩ = 120

(solo)

Ó Janna-i-na pra que no-cé fôz as-sim. Ó Janna-i-na pra que você fôz as-

(canto)

sim. Eu vim de lá, pa-ra te ver no-cé e-condeu de mim.

(solo)(Hab.)

e u vim de lá, pa-ra te ver no-cé e-condeu de mim. Quanto tem

dia-solo, variante!

dois a-vel no de-do, um é grande e o outro é pequeno. e u tím-bólo e u morno mudo u m e'

(canto)

brando e o mudo no... Eu vim de...

(Observe-se que esta melodia não tem clareza tonal, sendo preferível considerá-la no modo de mi natural, transposta para dó sustenido)

CHULA

Tô gastano o meu dinheiro
 (solo) só porque posso gastá
 Muié ruim é bicho mau
 quer fazê o home pená
 O machado corta
 (coro) O cavaco vorta
 E meu bem me chama
 E eu não me impor (to)
 Fui entrano nesta casa
 Foi pisano (pisando) no molhado
 A dona da casa é boa
 Não me deixa envergonhá
 O machado ...
 Lá embaixo na Bahia
 Senhor rei mandô chamá
 Mete o machado no pau
 Deixa a gaia rivirá (o galho virar)
 O machado ...
 Companhero de viagem
 Não me deixa eu cantá só
 Eu sozinho eu canto bão
 Mas vocês cantão mió (melhor)
 O machado ...

d = 112

(solo)

Tô gas-ta-no o meu di-nhe-ro, só por-que pos-so gas-tá. Muié ruim é bi-cho

(coro)

mau, quer fazê o home pená. O ma-chado do ca-vo. O ca-vo é o cav-aço. E eu meu bem me cha-

(solo)

ma e eu não me impor. Tô faze-ndo



Foto 1 Um altar simples e a Bandeira da Folia de Reis



Foto 2 Orações cantadas diante do altar, antes da saída da Folia "Mineira".
Embaixador: "Capitão Amantino"; Setor Pedro Ludovico



Foto 3 A Folia de Reis "Baiana". Embaixador: "Capitão Valdir"; Parque Santa Cruz.

Notas

- 1) Em diferentes fontes bibliográficas, há informações desencontradas sobre a distância entre as duas cidades.
- 2) conf. Gilberto Giménez, “La cultura popular: problemática y líneas de investigación” in *Estudios sobre las culturas contemporáneas*, v.1, n.3 (mayo de 1987), pp. 71–96. Pelas décadas de 70 e 80 principalmente, muitos estudiosos da cultura popular, baseados nos escritos de A. Gramsci, passaram a adotar nas suas análises da cultura a forma simplificada de classes sociais, com base na dualidade: cultura popular (dominada) & cultura hegemônica (dominante), entendendo o folclore como forma de contestação da cultura dominante, conforme Luigi M. L. Satriani (1986), o que merece melhores reflexões, não só pela excessiva simplificação do social, mas, porquanto a antropologia política, em autores como G. Balandier, Victor Turner (ver bibliografia) e outros, tem mostrado que mesmo em sociedades não classistas são muitas as formas contestatórias.
- 3) Carlos Rodrigues Brandão, *Sacerdotes de Viola* (Petrópolis, 1981), p. 107.
- 4) Em 1937 “foi assinado o Decreto nº 1816, transferindo definitivamente a capital Estadual da cidade de Goiás para a de Goiânia”, conf. “Monografias Municipais”: *Goiânia/Goiás*, Brasil, do IBGE, RJ, 28/10/1983 — ISSN 0406–9773, p. 3
- 5) idem: *Goiânia...* p. 15.
- 6) A mesma publicação, p.1, aponta a existência de “273 bairros, setores e vilas” na cidade.
- 7) Yara Moreira tratando das folias no Estado de Goiás menciona a existência de: “Folia ‘maranhense’ ”, de Guaraí, constituída somente de mulheres e da “Folia de Reis ‘Piauiense’ ”, na cidade de Pedro Afonso (atual Estado de Tocantins), “uma Folia de Reis urbana com elementos do Bumba meu Boi”, além de mencionar também as folias de sistema goiano, in “Música nas Folias de Reis ‘Mineiras’ de Goiás, *Revista Goiana de Artes*, 4(2) (jul/dez.1983), p. 174.
- 8) Embora a tradição geral seja a de realização das visitas (giro) entre 24 de dezembro a 6 de janeiro, em Goiânia existem grupos que seguem tradições particulares: de 1 a 6 de janeiro, de 25 de dezembro a 2 de janeiro, etc., podendo ocorrer até cantorias de reis fora deste ciclo, quando há “voto” (promessa).
- 9) Carlos Rodrigues Brandão, idem, p. 49, diz que “a Folia de Reis é um grupo ritual do catolicismo popular incluído dentro de um campo de relações e de representações entre deuses e homens, e entre tipos de homens, mediador de

dávivas.”

- 10) O procedimento usual das folias é de receber “esmolos” em nome dos Reis Magos, mas há casos em que ocorre o processo inverso, conforme documenta Yara Moreira: “A Folia chega e pede; se a pessoa tem condições dá aquilo que pode. E os foliões vão levando muitas coisas na sua jornada, para o dia do festejo: frango, arroz, tudo isso sai. Mas já aconteceu, e acontece sempre, da gente chegar numa casa que tem escassez daquilo. Aí palhaço já dá a busca, olha e vem avisar. O Capitão autoriza, a Folia canta pr’aquele povo e deixa algo prá eles. Oferece o que tem, comida ou dinheiro. Eles recebem, não dão”, op. cit., p. 150.
- 11) Rei Herodes — segundo a Bíblia Sagrada, o rei na tentativa de matar o Menino Deus mandou sacrificar todos os meninos que havia em Belém e em todos os seus arredores, da idade de dois anos para baixo.
- 12) Creio ser possível, aqui, na compreensão da figura do palhaço (simbolicamente representando a “desordem”) nas folias de reis (a “ordem”) uma reflexão correlata ao que faz Renato Ortiz em relação ao Exu na Umbanda e a cultura popular frente à cultura hegemônica, in *A consciência fragmentada* (Rio de Janeiro, 1980), pp. 67–89.
- 13) Os migrantes baianos entrevistados são das cidades: Barreiras, Correntina, Santana dos Brejos, Santa Maria da Vitória e Carinhanha.
- 14) Também no interior do Estado de S. Paulo foram registradas folias baianas (de gaita) em Votuporanga e em Olímpia. A Folia Baiana de Olímpia tem música gravada no disco-compacto: *Folgedos Populares do Brasil*, 1972, que fez parte do Calendário Philips. (Pesquisa da folclorista Laura Della Mônica). Esta folia, porém, é musicalmente distinta da folias baianas registradas em Goiânia.
- 15) Sobre o uso da bandeira nas folias de reis, diz Signeis Pereira dos Santos (50 anos, nascido em Barreiras; Bahia, residente em Goiânia desde 1970), cuja folia sai apenas durante três dias: “Lá na Bahia só sai bandeira do Divino, São Sebastião, São João e Coração de Jesus, que só caminham de dia. Folia baiana (de reis) não tem bandeira. Esse povo daqui parece tudo doido, que sai com bandeira de reis. Folia que sai de noite não pode ter bandeira”(Goiânia, 2/1/1988).
- 16) Aladaris Brasil de Moraes [50 anos, nascido em Goiás (Velho); embaixador de folia do Jardim Guanabara], diz que canta três músicas em sistema goiano, uma em sistema baiano e uma em sistema mineiro.
- 17) Yara Moreira, op. cit., p. 174.
- 18) Benedito Pereira dos Santos, nascido em Jaraguá-Goiás, da Folia do Setor

Jardim Novo Mundo.

- 19) Aladaris Brasil de Moraes — ver nota 16.
- 20) Em uma das cerimônias presenciadas, a festeira usava uma coroa dourada (de papel). Realizou-se ali o “encontro das bandeiras” do ano anterior (conduzida de dentro da casa) com a bandeira do ano (que chegava), Vila Concórdia.
- 21) Alba Zaluar, *Os homens de Deus* (Rio de Janeiro, 1983), p. 118.
- 22) Yara Moreira, op. cit., p. 159.
- 23) Carlos Rodrigues Brandão, op. cit., p. 107.
- 24) Dos diversos grupos de folias contatados, apenas esta tinha os seus elementos usando mesma roupa (uniforme): camisa amarela, calça verde e quepe verde.
- 25) Alguns estudiosos brasileiros, sensíveis às contradições sociais do País, vêem nessas práticas religiosas instrumentos de alienação, conforme se vê em Francisco Assis Fernandes, analisando os cantos das romarias de Aparecida-SP: “Os cantos de Aparecida longe de terem uma função libertadora tornaram-se parte de ideologia reconciliadora dos contrastes que medeiam a nossa sociedade. Desempenham papel de analgésico marginalizador”, conf. “O canto nas romarias de Aparecida: opressão ou alienação” in *Comunicação e Classes Subalternas*, coord. José Marques de Melo (São Paulo, 1980), p. 184. Da mesma forma, baseados principalmente no pensamento gramsciano, movimentos políticos no Brasil, na década de 60, como os dos CPCs-Centros Populares de Cultura, tenderam a ver as culturas populares sob o prisma da alienação, conf. Renato Ortiz, op. cit., p. 64.
- 26) Marilena Chauí, *Conformismo e resistência* (3 ed., S. Paulo, 1989), p. 178. Sobre o assunto, diz Renato Ortiz, ob. cit., pp. 10–11: “Os fenômenos populares (...) encerram sempre uma dimensão onde se desenvolve uma luta de poder, porém, seria impróprio considerá-los como expressão imediata de uma consciência política ou de um programa partidário”.
- 27) Pela interpretação praticamente rezada desta melodia realizei a transcrição indicando barras pontilhadas de divisão de compasso, apenas para facilitar a leitura; também a fórmula do compasso está entre parênteses (quatro por quatro), com base no motivo rítmico da percussão que ocorre em quatro tempos. Esta melodia foi publicada originalmente no *D. O Leitura*, S. Paulo, 8(94) março de 1990, p. 9, in “Andanças dos Reis Magos no Brasil”, Américo Pellegrini Filho & Alberto T. Ikeda, tendo sido questionada, por carta, pelo musicólogo Dr. José Geraldo de Souza. A transcrição anterior foi realizada com sustenidos ocorrentes, na mesma altura (a partir da nota fá), e não com os bemóis fixos como se vê nesta versão, conforme sugestão do referido

estudioso. Pela forma como foi cantada esta melodia pelos foliões pode-se concluir que a melodia ocorre flagrantemente em sistema modal, baseada em série defectiva (sem o 6º grau). Pode-se, assim, questionar o uso da armadura fixa da clave do sistema tonal, porquanto há inexistência do ré bemol na melodia. Ainda, o mesmo estudioso interpreta esta melodia como sendo baseada em “série ‘pentafônica’”, baseada no “menor natural”.

- 28) Oswaldo de Souza, *Música folclórica do Médio São Francisco*, v. II (Rio de Janeiro, 1980), p.171. Ver também: Oneyda Alvarenga, *Música popular brasileira* (Porto Alegre, 1950), pp. 158–159.

Bibliografia

- Alvarenga, Oneyda
 1950 *Música popular brasileira*. Porto Alegre: Globo.
- Ayala, Marcos & Maria Ignez N. Ayala
 1987 *Cultura popular no Brasil* (série princípios), S. Paulo: Ática.
- Balandier, Georges
 1976 *Antropo-lógicas*, S. Paulo: Cultrix.
 1969 *Antropologia política*. S. Paulo: Difel/Edusp.
- Bourdieu, Pierre
 1989 “El espacio social y la génesis de las ‘clases’” in *Estudios sobre las culturas contemporaneas*, Colima, México: Univ. Colima, n.7 (septiembre), pp. 27–55.
- Brandão, Carlos Rodrigues
 1981 *Sacerdotes de Viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes.
 1983 “A folia de reis de Mossâmedes: etnografia de um ritual camponês, *Revista Goiana de Artes*, v.4, n.1 (jan/jun.), pp.1–58.
- Burke, Peter
 1989 *Cultura popular na idade moderna: Europa, 1500-1800*. S. Paulo: Cia. das Letras,.
- Castro, Zaíde M. de & Aracy P. Couto
 1977 *Folia de Reis*. Rio de Janeiro: CDFB.
- Chauí, Marilena
 1989 *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*, 3 ed., São Paulo: Brasiliense.
- Giménez, Gilberto
 1987 “La cultura popular: problemática y líneas de investigación”, in

- Estudios sobre las culturas contemporaneas*, Colima, México: Univ. Colima, n.3 (mayo), pp. 71–96.
- Gramsci, Antonio
1978 *Os intelectuais e a organização da cultura*, 2 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Melo, José Marques de (coord.)
1980 *Comunicação e classes subalternas*. S. Paulo: Cortez.
- Moreira, Yara
1983 “De folias, de reis e de folias de reis” e “Música nas folias de reis ‘mineiras’ de Goiás”, *Revista Goiana de Artes*, v.4, n.2 (jul/dez.), pp. 135–188.
- Ortiz, Renato
1980 *A consciência fragmentada: ensaios de cultura popular e religião*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Pellegrini Filho, Américo & Alberto T. Ikeda
1990 “Andanças dos Reis Magos no Brasil”, *D. O. Leitura*, 8(94), (março), pp. 8–9.
- Queiroz, Maria I. P. de
1976 “O catolicismo rústico no Brasil”, in *O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Satriani, Luigi M. L.
1986 *Antropologia cultural e análise da cultura subalterna*, S. Paulo: Hucitec.
- Souza, Oswaldo de
1979/1980 *Música folclórica do Médio São Francisco*, 2 v., Rio de Janeiro: Mec/Cons. Fed. Cultura, v.I, v.II.
- Turner, Victor W.
1974 *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*, Petrópolis: Vozes.
- Vireira, Sonia M.
1987 *Folia de Reis*. Rio de Janeiro: UFJR.
- Zaluar, Alba
1983 *Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar.

